

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ:

GÊNERO E CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA – REFLEXÕES EM PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

Ângela Maria Freire de Lima e Souza¹

Francisco Leal de Andrade²

Organizadores

Estávamos nos primeiros meses de 2020 e começamos a ouvir rumores sobre uma nova doença viral, que já constituía uma ameaça importante, até por ser provocada por um agente infeccioso de uma família de péssima reputação: a família dos coronavírus, à qual pertencem o Mers-CoV e o Sars-CoV, causadores da Síndrome Respiratória do Oriente Médio e da Síndrome Respiratória Aguda Grave, respectivamente; a doença conhecida como Sars está praticamente erradicada e a Mers ainda é uma realidade: ela ocorre no Oriente Médio e há relatos de casos na Europa e na América do Norte. De repente, o novo membro da família estremece a todos pela rapidez com que se propaga globalmente, trazendo concretude a um dos maiores pesadelos da humanidade: uma pandemia mortal, como aquelas que vimos algumas vezes em filmes sobre um futuro distópico gerado pela ignorância e comportamento predador e desrespeitoso dos seres humanos. Daí em diante, assistimos, em

meio a uma mistura de perplexidade, medo e profunda tristeza, ao estabelecimento do que se começou a chamar de “novo normal”. Nada de novo e tudo muito “normal” para a metade da humanidade: as mulheres, sobre as quais recaiu, mais uma vez, a tarefa de cuidar de todos, catar os cacos, reorganizar o mundo e, finalmente, reconstruir o possível.

Neste contexto, trabalhando em casa e tentando seguir os nossos projetos, pensamos neste Dossiê. Uma tentativa de compreender a situação das mulheres em meio à pandemia, registrar possíveis evidências de suas experiências e engendrar novas reflexões sobre a divisão sexual e social do trabalho e o consequente distanciamento dos homens das atividades realizadas no âmbito doméstico e relacionadas ao cuidado, enquanto as mulheres continuam a exercer o papel de cuidadoras dos enfermos, crianças e idosos, seja no modo informal – direcionado à sua própria família – seja no sentido formal – exercido profissionalmente para outras famílias – especialmente em tempos de crise, epidemias ou numa pandemia, como a que vivemos hoje.

Sobre o tema do cuidado e sua vinculação essencialista ao mundo das mulheres muito se tem escrito. Carol Gilligan (1982)³, ao falar sobre a ética do cuidado, a caracteriza como focada na experiência íntima, dos sentimentos e do concreto relacional. Trata-se de “buscar compreender a situação pela qual o outro está passando e buscar encontrar uma maneira de manter uma teia de relações em que todos/as possam desenvolver sua humanidade.” (PEREIRA, 2020)⁴. A crítica ao pensamento de Gilligan é focada no essencialismo ao descrever a personalidade feminina como definida muito mais em relação ao outro; tal percepção ajuda a reforçar a ideia de uma natureza feminina disposta ao cuidado e também assume uma mulher universal, não considerando diferenças sociais, culturais e econômicas, entre outras distinções da experiência feminina. Vale dizer, no entanto, que sua elaboração sobre a ética do cuidado em contraposição à ética da justiça é

¹ Possui graduação em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Federal da Bahia (1978), mestrado em Biologia (Botânica) pela Universidade Federal da Bahia (1983) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2003). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ciência, Educação e Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, educação, ciências biológicas, Ciência, Gênero e Ensino de Biologia. É Pesquisadora Permanente do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismos.

² Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (2001) e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (2006). Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana (2011). Doutor em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos / UFBA. Atua como professor adjunto no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

³ GILLIGAN, C. *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1982

⁴ PEREIRA, Viviane Magalhães. O problema da fundamentação da moral e a ética feminista. *Veritas*, Porto Alegre, v. 65, n. 1, p. 1-12, jan.-mar. 2020.

feminista, no sentido de fazer se reconhecer a “voz diferente” das mulheres sobre moralidade, um modo de pensar o mundo que foi excluído dos estudos clássicos sobre desenvolvimento moral e ética.

Pensando o cuidado como trabalho, Hirata (2016)⁵, citando as pesquisas de Angelo Soares inspiradas na sociologia das emoções, apresenta cinco dimensões do trabalho do *care*: a dimensão física – o contato corporal, presente em atividades de higienização do corpo; a dimensão cognitiva – conhecer as medicações e sua posologia, reconhecer sintomas clínicos; a dimensão sexual – utilização/ exploração do corpo da trabalhadora na produção dos cuidados; a dimensão relacional – interação, comunicação, capacidade de escuta; e finalmente, a dimensão emocional – importância das emoções no *care* e respectivas prescrições para a realização do trabalho e do controle emocional. Não é difícil perceber nessas dimensões a relação entre as representações sociais sobre as mulheres e sobre o trabalho do cuidado e os estereótipos de gênero que naturalizam o papel das mulheres como cuidadoras.

Neste contexto, não nos escapa que as mulheres estão, no momento, expostas a situações de risco extremo, de letalidade, vulneráveis à violência doméstica e finalmente ao feminicídio. Os artigos que compõem este Dossiê ilustram de modo explícito a dramática situação das mulheres neste “novo normal”: numa análise em que se articulam gênero, cuidado e trabalho, o que aparece, nitidamente, é a sobrecarga e a precarização do trabalho, o agravamento de problemas emocionais e mesmo físicos e a intensificação das assimetrias de gênero distribuídas em diferentes setores da sociedade. A pandemia é particularmente dolorosa para as mulheres.

O primeiro artigo, intitulado *Experiencias de cuidados y trabajo: preocupaciones*,

⁵ HIRATA, Helena. Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado*. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 46, p. 151-163, abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332016000100151&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/18094449201600460151>.

malestares y emociones en contexto de pandemia de covid-19 en Argentina, Leila Martina Paserino e Noelia Soledad Trupa apresentam um estudo exploratório sobre a situação excepcional da ocorrência da pandemia de Covid-19 em que investigaram a sobrecarga de trabalho remunerado e não remunerado para mães e pais, a partir da escuta de breves relatos, numa escuta livre sobre exigências laborais, estratégias e tarefas de cuidado ao longo do período de quarentena. Os resultados revelam a permanência das assimetrias de gênero frente às tarefas de cuidado profissional, as dificuldades das mulheres para manter e sustentar suas carreiras, as dificuldades para diferenciar no contexto do lar o trabalho remunerado e não remunerado revelando as emoções e preocupações, e famílias de classe média no contexto da pandemia.

O artigo *Mães na universidade: trabalho reprodutivo e estratégias de permanência*, cuja autora é Maíra Tavares Mendes, discute as estratégias de permanência de estudantes mães em uma universidade federal a partir do conceito de trabalho reprodutivo. Baseado em pesquisa qualitativa exploratória, os dados, submetidos à análise de conteúdo, revelam estratégias de permanência materiais e simbólicas desenvolvidas por estudantes mães na universidade escolhida para *locus* da pesquisa. As autoras destacam “como o trabalho reprodutivo, consubstanciado nas demandas da maternagem, embaralha a classificação entre material e simbólico, por seu status histórico de atividade não remunerada, e desenvolvida no Brasil especialmente por mulheres negras” e sublinham que as estudantes pesquisadas privilegiam estratégias de permanência simbólicas individuais mais do que coletivas, talvez revelando assim uma necessidade de maior respaldo e acolhimento institucional.

A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia é o título do artigo apresentado por Juliana Marcia Santos Silva, Vanessa Clemente Cardoso, Kamila Eulálio Abreu, Lívia Souza Silva. As autoras destacam a importância dos conceitos de “ética do cuidado” e “dispositivo materno” associando-os à naturalização da feminização do cuidado, especialmente no curso da pandemia causada pelo novo coronavírus, ao tempo em que se acentuam

as diferenças entre as classes sociais e o racismo estrutural.

No texto *Colonialidade e trabalho do cuidado: o caso das mulheres brasileiras*, Anelise Gregis Estivalet destaca a associação entre a colonialidade e a forma como se estabeleceu o trabalho do cuidado em países como o Brasil. Numa abordagem histórica e reflexiva e a partir de uma revisão de literatura, delinea-se de que modo a figura da mulher brasileira foi sendo moldada nos espaços públicos e privados, desde o século XIX até os dias atuais, especialmente no que diz respeito ao trabalho do cuidado e o trabalho doméstico no contexto da colonialidade.

Transversalidade de gênero nas políticas de cuidado é o título do artigo que se segue de autoria de Mariana M. Marcondes. Tem como objetivo a tentativa de construção de um arcabouço teórico para a análise das políticas de cuidado a partir do mapeamento de produções teóricas e definições conceituais sobre o cuidado e a política de cuidado; o artigo analisa a importância da aplicação da transversalidade de gênero para a construção deste suporte teórico considerando-se as fortes implicações desta categoria analítica para a questão proposta.

Em *“História do presente” de mulheres durante a pandemia da covid-19: feminização do cuidado e vulnerabilidade*, Iara Falleiros Braga, Wanderlei Abadio de Oliveira e Manoel Antônio dos Santos abordam a questão de como o cuidado reproduz processos de opressão e dominação que permeiam a vida social e como a “história do presente” das mulheres nos termos de Foucault (2014), pode ser abordada, como produto das relações sociais que foram intensificadas de maneira compulsória, a partir das medidas de isolamento e distanciamento social. O ensaio parte do questionamento sobre quem cuida de quem cuida, ou seja, das mulheres durante a pandemia e em que bases teóricas, conceituais e éticas esse cuidado deveria ser organizado e oferecido. A análise lança mão de uma perspectiva interseccional para refletir sobre a sobrecarga de trabalho e cuidado da casa e dos filhos durante o período de confinamento doméstico.

No artigo, *Branca cansada, preta morta: apontamentos sobre o trabalho doméstico e de cuidados e o contexto de pandemia de covid-19*, Caroline Rodrigues Menezes, Clarindo Epaminondas de Sá Neto e Tayná Ferreira

discutem a divisão sexual do trabalho no contexto pandêmico analisando o trabalho doméstico sob os marcadores de gênero, raça e classe. A análise resgata debates sobre a atribuição do trabalho doméstico e de cuidados às mulheres e como tais trabalhos são entendidos/vividos no contexto de uma economia neoliberal, especialmente sob o impacto da COVID-19, ressaltando a necessidade de que as mulheres tenham acesso ao mínimo existencial. As autoras argumentam que a pandemia agravou a precarização do trabalho, especialmente entre mulheres negras, que podem estar mais expostas ao coronavírus em decorrência de seu trabalho.

Ainda sobre as trabalhadoras domésticas, o artigo *Trabalho doméstico: a opressão em forma de cuidado*, de autoria de Maria do Rosario Andrade Leitão, Josefa Martins da Conceição e Glaucete Margarida da Hora Medeiros, apresenta uma reflexão sobre a situação de opressão no contexto do trabalho precário realizado por trabalhadoras domésticas durante a pandemia, a partir de um caso dramático: a morte de uma criança que estava no ambiente de trabalho de sua mãe porque esta não tinha como deixá-la sob os cuidados de alguém enquanto estivesse no trabalho. Utilizando princípios das epistemologias feministas, o conceito de interseccionalidade, entre outros saberes, com base em fontes documentais, decretos, notícias de jornais e dados estatísticos, as autoras demonstram as desigualdades de gênero, raça e classe social que marcam as empregadas domésticas, categoria de grande representatividade feminina no Brasil e diretamente afetada pela pandemia, com alto risco de contaminação durante deslocamentos, nas residências em que trabalham, ou pela dispensa dos seus trabalhos, sem cobertura salarial.

Esperamos ter alcançado o objetivo que nos levou a planejar, divulgar a proposta e finalmente apresentar este Dossiê. Agradecemos imensamente às autoras por terem nos confiado suas reflexões e seu trabalho. Esperamos honrar esta confiança e caminhar juntas, construindo um futuro melhor. Que saíamos desta pandemia mais fortes e acreditando muito numa formulação bem nossa: o futuro será feminista, ou não haverá futuro.

Salvador, Bahia
Dezembro de 2020